



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da “Sala de Redação Carlos Castello Branco” e do novo *síte* da Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência da República

Palácio do Planalto, 10 de setembro de 2003

Quero cumprimentar os companheiros que compõem a mesa, sobretudo a esposa do Castello, que eu tive a oportunidade de conhecer, via Armando Rollemberg e Hélio Doyle, na posse do Castello quando presidente do Sindicato dos Jornalistas de Brasília.

Certamente, muitos de vocês não eram nem nascidos ainda, ou nascidas, e nós já estávamos tentando dar a essa gloriosa categoria dos jornalistas uma melhor representatividade.

E Castello foi eleito presidente do Sindicato num momento muito importante de afirmação da categoria dos jornalistas, que não vinha “muito bem das pernas”, mas dizia-se sindicato. Depois da eleição dos companheiros de São Paulo e da eleição do Castello, tivemos a eleição do Caó, no Rio de Janeiro e do Freitas, em Maceió, e o Sindicato dos Jornalistas ganhou uma projeção de representação classista que, até então, não tinha. Dizem alguns que foram as greves de 1979 do Sindicato dos Jornalistas que desmontaram um pouco essa representatividade adquirida.

De qualquer forma, eu acho que a eleição do Castello, aqui, mudou por algum tempo a cara do Sindicato dos Jornalistas de Brasília. E, certamente, mudou a cara do Sindicato dos Jornalistas no Brasil, porque nós passamos a ter algumas referências nacionais, como Audálio Dantas e o Castello, dirigindo sindicatos importantes.

Eu penso que a vida do Castello tem que ser levada em conta na formação dos novos jornalistas. Dificilmente nós conseguiremos formar



grandes profissionais, em várias categorias, se essa “meninada” não tiver, no seu aprendizado, algumas referências que lhes sirvam de orientadoras para a futura carreira que vão seguir, sobretudo, a carreira de jornalista.

O jornalista só vai descobrir o quanto a sua função é importante o dia em que tiver a incumbência de sair de casa com uma pauta para fazer uma entrevista consigo mesmo, fazer uma reportagem sobre o próprio jornalista. Vocês iriam perceber o que todos nós sentimos, quando temos que conversar com vocês.

Mas jornalista é uma categoria importante, porque todo mundo reclama, mas ninguém vive sem a Imprensa.

Alguns até falam o que não deveriam falar para a Imprensa. Às vezes, uma coisa que é sigilosa, no dia seguinte está estampada nas páginas dos jornais. Então, você percebe que tem jornalistas que adquirem um poder de influência muito grande em determinadas personalidades do mundo industrial, do mundo político, do mundo sindical.

Como disse o companheiro que me antecedeu: pessoas ligavam para o Castello não apenas para utilizar a coluna dele, que era importante mas, às vezes, até para buscar informação. Eu creio que desse mal eu não vou padecer.

De qualquer forma, nós não seríamos o que somos sem a Imprensa brasileira, por mais que a gente fale mal, por mais que a gente reclame, por mais que a gente se queixe.

Outro dia, eu dizia para a Imprensa que notícia de verdade é a que a gente não quer falar e sai na Imprensa. Aquilo que a gente quer falar não é notícia, é publicidade. E me parece que todos vocês aprenderam isso com muita rapidez.

Essa Redação virou um sonho do Ricardo Kotscho. Ele montou a sua Redação. Ele é o chefe.

Eu acho, Ricardo, que quem conhece você como eu conheço, há tantos



anos, sabe o que você pensa da vida, o que você pensa do jornalismo, o que você pensa da sua relação com os seus companheiros e as suas companheiras de Imprensa.

Eu nunca sei se o Ricardo é meu assessor ou assessor de vocês, jornalistas. Eu nunca sei quando ele está tentando me ajudar, ou quando está tentando ajudar a Imprensa. Quem já foi assessor, sabe.

Ricardo, que você tenha a chance da sua vida, a chance de criar uma cara e um jeito novo de fazer essa relação com a Imprensa. É uma coisa que é só sua, que não é do jornalista, é do ser humano. É uma coisa que está dentro de você, entranhada em você, no seu jeito de ser. Até para escolher um companheiro como o Castello para dar nome à sua sala.

Eu acho, Ricardo, que você deve estar garantido até mais do que eu e o José de Alencar para cumprir o mandato de quatro anos.

Desejo que você consiga realizar o seu projeto, fazendo o que você tem de melhor, que é jornalismo e relação humana com os seus companheiros.

Espero que a Imprensa tire proveito desse novo tipo de jornalismo, de redação e de assessoria que vai ser feito agora. E espero que, daqui para a frente os jornalistas – já estou vendo alguns e algumas aqui – dêem notícias mais positivas do Presidente da República. E se não derem, Ricardo, Castelinho vai estar te vigiando, lá, daquela placa, e vai te puxar a orelha.

Quero agradecer a presença dos ministros aqui, numa demonstração do prestígio do Ricardo Kotscho. Acho que tem mais ministros aqui, hoje, do que nas reuniões de Ministério que eu convoco. Nunca vi gente de tanto prestígio como esse Ricardo Kotscho. Não sabia que era tão assim.

Agora, junto ao José Alencar ele não está com muito prestígio, porque em vez de dar uma caixa, ele deu apenas cinco garrafas de “Maria da Cruz” para o coquetel.

Espero que o Jorge, o nosso querido Jorge, do Feitiço Mineiro, que está dando o coquetel, tenha caprichado, porque fomos convidados para um



coquetel e não para ouvir discursos.

Ricardo, boa sorte, querido. Que essa Redação seja um exemplo a ser seguido por outros governos, nos estados e nas cidades, e que a sua relação com a Imprensa possa ser de harmonia.

Meus parabéns! E vamos todos torcer para que dê certo, porque, se der certo, vai ser bom para vocês e vai ser bom para nós.

Meus parabéns, Ricardo!